

A violência verbal no discurso político: debate televisivo do candidato Orestes Quércia no Roda Viva

La violencia verbal en el discurso político: el debate
televisivo del candidato Orestes Quércia en Roda Viva

Verbal Violence in Political Discourse: The Televised
Debate of Candidate Orestes Quércia on Roda Viva



Reinaldo Maximiano Pereira¹

Renata Pinheiro Loyola²

Joubert Amaral Caetano³

Resumo: O artigo analisa a construção da polêmica em um debate televisivo do programa Roda Viva, reconhecido como espaço democrático relevante na televisão brasileira desde o final do regime militar. O *corpus* examinado corresponde a trechos da entrevista do candidato à Presidência da República Orestes Quércia, durante a campanha eleitoral de 1994. A análise fundamenta-se na teoria da polêmica de Amossy (2017), enfatizando o caráter argumentativo e conflitivo do discurso político.

Palavras-chave: Argumentação. Polêmica. Violência verbal.

Resumen: El artículo analiza la construcción de la polémica en un debate televisivo del programa Roda Viva, reconocido como un espacio democrático relevante en la televisión

¹ Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)- Belo Horizonte- Minas Gerais- Brasil.

² Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)- Belo Horizonte- Minas Gerais- Brasil.

³ Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)- Belo Horizonte- Minas Gerais- Brasil.

brasileña desde el final del régimen militar. El corpus examinado corresponde a fragmentos de la entrevista al candidato a la Presidencia de la República Orestes Quéricia durante la campaña electoral de 1994. El análisis se fundamenta en la teoría de la polémica de Amossy (2017), destacando el carácter argumentativo y conflictivo del discurso político.

Palabras clave: Argumentación. Polémica. Violencia verbal.

Abstract: The article analyzes the construction of controversy in a televised debate from the program Roda Viva, recognized as a relevant democratic space in Brazilian television since the end of the military regime. The corpus examined consists of excerpts from the interview with presidential candidate Orestes Quéricia during the 1994 electoral campaign. The analysis is grounded in Amossy (2017) theory of polemics, emphasizing the argumentative and conflictive nature of political discourse.

Key-words: Argumentation. Polemics. Verbal violence.

Introdução

O estudo que ora apresentamos tem o objetivo de analisar a construção da polémica gerada no debate de televisão no programa Roda Viva, da TV Cultura¹ de São Paulo. A abordagem teórica deste estudo se dará a partir do caráter argumentativo do discurso, tratada por Ruth Amossy (2017).

Ao propor o estudo da polémica, a autora destaca seu surgimento a partir de um debate atual, compreendendo questões de interesse público em uma dada cultura. E como condição para a realização deste debate, ressalta o confronto de dois discursos, a partir de argumentos em favor e contra uma tese. Para a existência da polémica, a interação entre as partes implicadas apresenta os aspectos da dicotomização, da polarização e da desqualificação do outro, e podem apresentar também traços de violência verbal.

A problematização neste estudo faz-se em torno da construção da polêmica, no universo do debate político, que antecede as eleições presidenciais de 1994. O *corpus* escolhido foi parte da entrevista² do candidato do PMDB, então governador de São Paulo, Orestes Quércia, ao jornalista Rui Xavier³, do jornal Estadão. O programa Roda Viva é o mais antigo do gênero da Televisão Brasileira e desde 1986, quando foi criado, conta com a participação de uma bancada de entrevistadores de acordo com as áreas de atuação e conhecimento.

A escolha pelo *corpus* que aqui será analisado se deu em meio a diversas demonstrações públicas contraditórias, que os políticos brasileiros têm apresentado em entrevistas e debates quando são confrontados com a questão do envolvimento de desvio de dinheiro público. Para além do caráter emblemático do episódio, amplamente repercutido à época, será possível observar como o debate televisivo opera como arena de disputa simbólica e de construção de legitimidades políticas. A entrevista de Orestes Quércia no Roda Viva, mais do que uma proposta de resgate e conhecimento por parte dos jovens eleitores brasileiros, constitui um caso relevante para compreender as formas pelas quais acusações públicas, enfrentamentos verbais e estratégias de desqualificação são mobilizados diante de uma audiência ampliada, que tem se repetido com frequência no Brasil.

Desta forma, o presente artigo foi dividido em quatro momentos. No primeiro serão apresentadas reflexões sobre o discurso polêmico e seus aspectos estruturais; no segundo abordaremos os principais traços da violência verbal; no terceiro desenvolveremos a análise de parte da entrevista citada e, por fim, destacaremos nossas considerações finais.

Reflexões sobre o discurso polêmico

Ao tentar compreender o que é polêmica em sua especificidade, Amossy (2017) aponta para a busca em três fontes que compreendem o dicionário, o discurso corrente e

as conceituações científicas. Em relação a busca da primeira fonte, a autora apresenta a pesquisa realizada por Catherine Kerbrat-Orecchione, que demonstra que os dicionários se apoiam na etimologia do termo, que vem do grego *polemikos*, relativo à guerra.

Amossy (2017) analisa que a assimilação da palavra polêmica a uma luta armada não é incoerente, uma vez que manifesta a transformação da interação verbal em um combate que consiste em vencer o outro pela violência, dando aos interlocutores o estatuto de inimigos que usam estratégias militares e que recorrem a força bruta. Nessa perspectiva, as palavras se entrelaçam, e assim a recusa do diálogo arrazoadado em proveito das relações de força, a luta entre inimigos, a violência verbal, a condenação à morte simbólica do outro.

No que se refere ao discurso corrente, Amossy (2017) destaca a pesquisa da linguista Nadine Gelas que constatava o uso frequente da palavra polêmica na imprensa francesa, e que desenvolveu, a partir do recorte das utilizações do termo no jornal, uma definição discursiva. Para a supracitada autora, a polêmica aparece como uma reação a uma tomada de posição, sobre a qual existe um desacordo, num contexto passional e através de propósitos hiperbólicos; frequentemente qualificada de vã e estéril, ela não é percebida como participante da argumentação ou então constitui uma pseudoargumentação. Assim como Nadine Gelas, Amossy (2017) destaca que Christian Plantin desenvolveu um trabalho similar, a partir da leitura de 213 títulos do jornal diário *Le Monde*, e também Roselyne Koren estudou a metalinguagem sobre a polêmica em 60 artigos tirados de jornais diários, semanais e mensais.

Em todos os trabalhos citados, Amossy (2017) ressalta que seja de forma espontânea, no uso, ou de maneira reflexiva, no metadiscurso, os usuários do termo investem nele de forma corrente e o depreciam, considerando um discurso não argumentativo e coercitivo, marcado pela violência e pela paixão. Em relação as conceituações científicas, Amossy (2017) afirma que o termo tem sido objeto de estudo nas ciências da linguagem e em argumentação retórica, desde a década de 1980 até os dias de hoje, em uma busca por melhor conceituação do fenômeno.

Embora a formulação proposta por Amossy (2017) permaneça central para a compreensão da polêmica como gestão verbal do conflito, estudos mais recentes sobre

discurso político e mediação pública têm ampliado a discussão ao considerar as dinâmicas de polarização, incivilidade e construção identitária nos espaços midiáticos e digitais. Nessa perspectiva, a confrontação discursiva pode ser compreendida não apenas como oposição argumentativa, mas também como disputa por legitimidade e autoridade simbólica (Charaudeau, 2018; Van Dijk, 2023). Nessa direção, autores do campo da Comunicação têm ressaltado que os antagonismos discursivos contemporâneos não se limitam ao confronto racional de argumentos, mas passam a articular processos de visibilidade, pertencimento e mobilização afetiva mediados pelos dispositivos comunicacionais. Em sociedades fortemente atravessadas pela lógica midiática, a confrontação pública tende a assumir também dimensões performáticas e simbólicas, nas quais a disputa pela legitimidade frequentemente se sobrepõe à busca de consenso (Sodré, 2014; Weber, 2020).

Ao explicitar os aspectos estruturais da polêmica, Amossy (2017) afirma que é um debate em torno de uma questão de atualidade, de interesse público, que comporta os anseios mais ou menos importantes da sociedade numa dada cultura. A autora salienta que a primeira marca da polêmica como debate da atualidade é uma oposição de discurso, em que o antagonismo das opiniões apresentadas em um confronto verbal é uma condição *sine qua non*. Essa noção de confrontação designa, a ação de colocar dois discursos em presença e, portanto, em relação, permitindo assim uma apreciação por comparação. Nessa perspectiva, é uma atividade que consiste em trazer argumentos em favor de sua tese e contra a tese adversa que constrói a fala polêmica.

Amossy (2017) afirma que para existir polêmica, não basta uma parte se declarar a favor ou contra um fato, as partes implicadas devem trazer suas razões e fazer vê-las refutando as do adversário. A supracitada autora salienta que a interação polêmica é muito bem argumentada e apresenta traços que consistem numa ancoragem conflitual, que se traduz em três aspectos: (i) a dicotomização, (ii) a polarização e (iii) a desqualificação do outro. Apenas de forma secundária, a polêmica será ancorada em pela violência verbal e pelo *pathos*.

Para abordar a dicotomização, como o primeiro aspecto constitutivo, a supracitada autora reforça a definição da polêmica como um choque de opiniões antagônicas,

marcando o caráter constitutivo que desempenha nela o conflito. Se há o choque de opiniões contraditórias é porque a oposição dos discursos é o objeto de uma dicotomização em que duas opções antitéticas se excluem mutuamente.

Nessa perspectiva, Amossy (2017) ressalta que construir oposições como dicotomias, ou seja, como pares de noções excludentes uma da outra, sem possibilidade de compromisso, consiste em bloquear toda a possibilidade de solução e aprisionar as partes em um face a face em que cada um defende posições inconciliáveis.

Entretanto, a autora aponta para a necessidade de se examinar *in loco* cada impasse, considerado sem saída, para que a dicotomização não seja sempre um traço definidor da polêmica. Em suma, afirma que a polêmica que trata de questões de interesse público é uma gestão verbal do conflitual, caracterizada por uma tendência à dicotomização, que torna problemática a busca por um acordo.

O segundo aspecto apresentado pela autora é a polarização e, enquanto a dicotomização exacerba as oposições até torná-las inconciliáveis, a polarização realiza reagrupamentos em campos adversos entre os participantes, não sendo de ordem puramente conceitual, mas social. Segundo Amossy (2017), na polêmica, essa polarização se cria além, e apesar, de numerosas divergências. Se faz necessário, distinguir os atores, que são indivíduos concretos que sustentam os discursos, da estrutura actancial, que envolve um Proponente e um Oponente em face de um Terceiro. Essa estrutura não se refere às pessoas, mas aos papéis desempenhados, defensor da posição proposta, opositor dessa posição e ouvinte-espectador da confrontação.

A figura do Terceiro assume particular relevância quando a polêmica se desenvolve em ambientes midiáticos, nos quais a audiência deixa de ocupar posição meramente observadora e passa a constituir o núcleo estratégico da disputa discursiva. Nesses contextos, a confrontação tende a orientar-se menos para o convencimento do adversário imediato e mais para a conquista da adesão simbólica do público, processo que aproxima a polêmica das dinâmicas de visibilidade e performatividade características da comunicação política contemporânea (Weber, 2020).

Nessa perspectiva, a polêmica instaura uma operação de polarização, que se distingue da dicotomização por alguns aspectos. Enquanto a dicotomização radicaliza o

debate, a polarização realiza reagrupamentos em campos adversos entre os participantes. Em um outro aspecto de distinção, a dicotomização é mais conceitual e abstrata e a polarização é social.

O terceiro aspecto constitutivo da polêmica diz respeito a relação com o outro. Para desacreditar o adversário e desqualificar seus argumentos, Amossy (2017) afirma que são utilizados como estratégia retórica, a atribuição de má fé e de más intenções do outro. Nesse momento, a dicotomização se concretiza, numa divisão em grupos antagônicos, em que cada um afirma sua identidade social opondo-se e fazendo do outro o símbolo do erro e do mal. É possível perceber também nesse processo, a presença da polêmica verbal.

Segundo a autora, a polêmica não é apenas um tipo de argumentação que gerencia conflitos confrontando-os, dicotomizando-os e polarizando-os, é possível perceber também que o Oponente age na polêmica como um adversário a confundir até a deslegitimar. Nesse processo de relação com o outro, a supracitada autora afirma que, o procedimento mais atenuado consiste em atacar a palavra do outro, apenas por meio dela. Assim, o Oponente refuta as razões do adversário, mostrando que seu discurso é indigno de confiança e não merece que o apoie. Ao responder o discurso adverso, a polêmica enfraquece os argumentos por todos os meios possíveis, seja pela negação, pela reformulação orientada, pela ironia e pela modificação de propósitos. E ao desqualificar a tese, a pessoa ou grupo que ela representa também é desqualificada.

Ao tratar sobre a polêmica, Amossy (2017) reforça que ela é constituída entre a violência autorizada pela polarização social e pela confrontação de posições dicotômicas de contextos sociodiscursivos, institucionais e culturais, no espaço público.

Em uma confrontação dicotomizada de teses antagônicas e a polarização desencadeada é comum encontrar sujeitos profundamente implicados no debate, e, nesse sentido pode-se supor a presença de marcas de subjetividade em seu discurso. No que se refere a emoção, Amossy (2017) ressalta que a predominância da paixão não é obrigatória no discurso polêmico, que pode existir sem sua implicação, mesmo se tratando de afetos expressos pelo locutor ou de sentimentos que este pretenda suscitar no público. Ao

mesmo tempo, a supracitada autora afirma que não há provas de que em um discurso polêmico de tipo passional não se busque a racionalidade do debate.

A autora ressalta que a polêmica não é uma fala selvagem, e que para o seu bom funcionamento ela tem necessidade de um espaço democrático que a autoriza e a regula ao mesmo tempo. Ao abordar o debate eleitoral, Amossy (2017) afirma que entre os candidatos à presidência da república há mais regulação que as trocas livres entre internautas nos fóruns de discussão. E no que se refere as regras das trocas, a autora afirma

É preciso que as partes estejam de acordo sobre o que constitui um assunto de interesse público, sobre a natureza da disputa que os opõe, sobre a necessidade de debater o tema (o que já supõe desde logo, valores e hierarquias comuns) e, enfim, sobre as regras da troca. Sem essa base comum, a polêmica não pode emergir e nem se desenvolver. A gestão dessas tensões é, evidentemente, delicada e pode variar de um gênero do discurso ao outro, e de uma polêmica à outra. Isso levanta a questão das rupturas de contrato, dos desequilíbrios e dos excessos, cuja natureza e cujas consequências devem, uma vez mais, ser examinadas *in loco* (Amossy, 2017, 65).

A polêmica pode assumir contornos de espetacularização quando desenvolvida em ambientes públicos de grande visibilidade. Assim, a confrontação discursiva não se dirige prioritariamente ao convencimento do Oponente, mas à persuasão do Terceiro, cuja adesão simbólica se torna elemento central da disputa. Tal dinâmica aproxima a polêmica da lógica do espetáculo político e da performance midiática, em que visibilidade, dramatização e legitimidade pública passam a integrar o próprio funcionamento do debate (Sodré, 2021; Weber, 2020).

Ao tratar da violência verbal, Amossy (2017) salienta que, apesar de ser frequentemente tratada como o traço definidor da polêmica, ela só poderá ser considerada polêmica quando os procedimentos discursivos forem utilizados no contexto de uma confrontação de opiniões contraditórias. Nessa perspectiva, falaremos na sequência dos aspectos que as discussões mais inflamadas podem apresentar.

Traços da violência verbal no discurso polêmico

O discurso polêmico, segundo Amossy (2017), como já apresentado inicialmente, pode apresentar traços de paixão e violência, entretanto por se tratar de uma modalidade argumentativa, não é um simples discurso agressivo que será considerado uma polêmica. No que se refere a violência verbal, ela pode acompanhar a polêmica, conferindo mais força, manifestando e intensificando a dicotomização, a polarização e o descrédito que a fundamentam, entretanto ela não é estruturante.

Estudos recentes sobre comunicação política, antagonismo discursivo e mediação pública têm demonstrado que manifestações de hostilidade verbal, especialmente em contextos de forte polarização, podem operar como estratégias de mobilização simbólica e reforço da adesão do auditório, deslocando o debate do campo deliberativo para disputas morais, afetivas e identitárias (Sodré, 2021; Weber, 2020; Emediato, 2016).

Ao buscar delimitar a violência verbal, Amossy (2017) reconhece, com Dominique Maingueneau (2008, p.113) que “a violência verbal é [...] uma noção intuitiva que é muito difícil de traduzir em termos linguísticos”. Ainda assim, a autora propõe parâmetros analíticos que permitem observar como o confronto de teses pode adquirir contornos violentos em situações concretas de interação discursiva.

Nessa perspectiva, a autora identifica sete formas ou ações pelas quais a violência verbal pode se manifestar no discurso polêmico, as quais serão apresentadas na sequência.

A primeira ação, citada por Amossy (2017), em que a violência verbal pode ser percebida, se refere quando uma forte pressão ou uma coerção é exercida para impedir o outro de se exprimir e de se expor livremente seu ponto de vista e linguisticamente, e estas podem ser expressas: (i) oralmente, (ii) na assertividade e (iii) nas questões retóricas.

Ao expressar oralmente, é possível perceber a interrupção ou sobreposição de vozes na interação face a face, não deixando o outro expor o seu ponto de vista. Na assertividade, a afirmação acontece como uma demonstração de força que prescinde de uma justificativa, chamando a atenção do outro para uma verdade que passa a ocupar a cena, impedindo-o de avançar e de justificar os seus próprios argumentos. E nas questões

retóricas, o polemista apresenta a seu auditório questões que contêm sua resposta e quase não lhe abre espaço para apresentar as suas próprias respostas.

A segunda ação em que Amossy (2017) destaca a violência verbal se refere quando o ponto de vista apresentado é totalmente desconsiderado ou ridicularizado, e assim, o outro é colocado fora do jogo.

A terceira ação acontece quando o polemista ataca a própria pessoa do Oponente. Nesse momento, o polemista ataca a pessoa do adversário em vez de sua tese e se utiliza de algumas formas específicas, como define Douglas Walton (1985): (i) o ataque direto ao Proponente, por seus traços morais e sua personalidade, ao invés de seus argumentos, (ii) o ataque circunstancial, que supõe uma inconsistência do argumento do Proponente seja pelo comportamento ou por uma contradição em suas palavras, (iii) o ataque distorcido, em que o Proponente é acusado de ter interesses pessoais e assim não produzir raciocínio objetivo e honesto, e (iv) o “você também”, que consiste em voltar contra o outro a acusação apresentada contra você.

Ainda no que se refere a violência verbal, Amossy (2019), destaca como quarta ação, a demonização do outro, em que as qualificações atribuídas ao adversário são assimiladas como ao Mal absoluto, e assim, fazem com que o adversário seja expulso do círculo de participantes legítimos. Na quinta ação, a violência está frequentemente ligada ao *pathos*, o polemista exprime sentimentos violentos que se inscrevem por marcas lexicais, sintáticas e prosódicas.

A centralidade do *pathos* em determinadas formas de violência verbal permite compreender que a hostilidade discursiva não se reduz à agressão ou ao excesso emocional. Em contextos de forte antagonismo político, a mobilização dos afetos pode atuar como mecanismo de identificação, reforço de pertencimentos e produção de adesão simbólica junto ao auditório (Sodré, 2014).

Na sexta ação, o polemista faz o uso de insultos contra seu adversário e como ato de fala, conforme afirmam Chevalier e Constantin (2009), combinam o assertivo, atribuindo ao outro, qualidades que o desqualifica, o expressivo, manifestando hostilidade contra ele, e o diretivo, solicitando uma reação de sua parte ou do Terceiro.

Por fim, na sétima ação, Amossy (2017) afirma que o polemista incita a violência contra os outros. A acusação lançada contra aqueles que apoiam a tese contrária e representam o ponto de vista é acompanhada de encorajamentos para o uso da força contra eles, pelas armas, pelo assassinato ou por outros meios mais violentos que os verbais. Nesse caso, trata-se de uma violência que ultrapassa o plano simbólico da expressão verbal e pode assumir dimensão prática, ao estimular ações concretas contra o adversário.

Nessa perspectiva a autora apresenta, uma definição ampla sobre a violência verbal, que inclui desde as interrupções e a agressividade, até os insultos ou a incitação a violência física e o assassinato. Em contextos de ampla visibilidade pública, como os debates mediados pelos meios de comunicação, essas formas de violência verbal e antagonismo tendem a adquirir dimensões performáticas e espetaculares. A mediação jornalística, a exposição pública e a presença de uma audiência ampliada intensificam o confronto discursivo, orientando a interação polêmica para disputas por legitimidade e pela adesão do auditório (WEBER, 2020). A partir dessas formulações teóricas, pretende-se analisar, na sequência, os traços polêmicos e as manifestações de violência verbal presentes em um debate público televisionado.

Análise do *corpus*

A escolha do *corpus* justifica-se pela ampla repercussão do episódio durante a campanha presidencial de 1994 e, sobretudo, por seu potencial analítico para compreender como a polêmica e a violência verbal se articulam em debates políticos televisionados. A entrevista de Orestes Quécia no programa Roda Viva constitui um caso relevante para observar estratégias de desqualificação, disputas por legitimidade e formas de mobilização do auditório em contextos de elevada visibilidade pública.

A entrevista analisada insere-se em um contexto político particularmente sensível da história brasileira, marcado pelos desdobramentos do *impeachment* de Fernando Collor de Mello e pelas redefinições do cenário eleitoral no período pós-redemocratização.

Há um ano das eleições presidenciais, em 1993, o sociólogo Fernando Henrique Cardoso (FHC) aceita o convite do então presidente Itamar Franco para ocupar o Ministério da Fazenda, e lança o Plano Real, cujos efeitos sobre o controle inflacionário e a estabilidade econômica reorganizam as disputas partidárias e a percepção pública acerca da credibilidade política. Nesse cenário, FHC deixa o ministério em março de 1994 e lança sua candidatura à Presidência da República, saindo vitorioso em primeiro turno, enquanto a candidatura de Orestes Quécia enfrentava questionamentos públicos relacionados à sua imagem política e ao debate sobre patrimônio.

A entrevista em questão foi veiculada pela TV Cultura, no programa Roda Viva, e contou com a presença de jornalistas convidados de alguns veículos de comunicação, em especial dos representantes dos principais jornais diários brasileiros. O recorte analítico deste estudo concentra-se em parte da entrevista, no momento em que o jornalista Rui Xavier, do Jornal Estadão, questiona o candidato e então governador de São Paulo, Orestes Quécia, acerca da origem e do crescimento de seu patrimônio, estimado à época em mais de 50 milhões de dólares e alvo de intensos questionamentos públicos. Por uma questão metodológica, a entrevista foi dividida em cinco partes, que serão transcritas e analisadas na sequência.

Imagem 1: Pergunta Inicial

***Rui Xavier:** Governador, deixa eu te falar uma coisa, como profissional e como cidadão brasileiro eu fico curiosíssimo com a seguinte questão. Nós temos dez candidatos a presidência da república, no entanto, toda vez que eu vejo uma entrevista sua, o senhor está culpando a imprensa ou o PT por causa dessas acusações que fazem ao senhor. E na realidade, eu vejo que o senhor não consegue explicar essa questão do enriquecimento seu. O que eu queria saber o seguinte, isso daí não está na base dos 4%? Quando o senhor fala e se remete a eleição anterior sua, que o senhor começou com 2% é verdade e o quadro era inteiramente diferente. Hoje eu vejo o seguinte, hoje todo jornalista, todas as pessoas que conversam, todas não, enfim, uma boa parte das pessoas que conversam com o senhor, colocam essa questão do enriquecimento com ou uma questão importante. E o senhor está sempre explicando isso e não consegue nunca resolver, solucionar essa questão. Esses 4%, não é a causa, quer dizer, o senhor ter 4% hoje não é a causa disso, do senhor não conseguir explicar porque o senhor enriqueceu, porque o senhor tem um patrimônio hoje de mais de 50 milhões de dólares?*

Fonte: Imagem produzida pelos autores, a partir da entrevista original em

<https://www.youtube.com/watch?v=20YpdGeorw4&t=1644s>

Como podemos perceber na primeira pergunta, apresentada na Imagem 1, o jornalista Rui Xavier introduz como tema do debate os questionamentos públicos em torno do patrimônio do candidato durante o exercício de seus mandatos. Nesse contexto, o jornalista apresenta dois elementos iniciais para sustentar seu posicionamento. O primeiro refere-se ao fato de o candidato atribuir à imprensa e a partidos adversários, especialmente ao Partido dos Trabalhadores (PT), a responsabilidade pelas acusações, sugerindo que, por essa razão, elas seriam infundadas. O segundo elemento relaciona o baixo índice de intenções de voto — os 4% indicados pelas pesquisas — à ausência de esclarecimentos públicos sobre a origem e o crescimento de seu patrimônio.

Pode-se perceber na argumentação, uma proposta de interação polêmica, com uma abordagem conflitual, marcada inicialmente pela dicotomização, que coloca o jornalista em posição oposta e inconciliável, no momento em que se opõe às declarações do candidato que busca responsabilizar a imprensa em relação a este fato. No que se refere aos dados da pesquisa, pode-se perceber uma tendência a polarização, pois o jornalista, se coloca como um Oponente, em face aos eleitores brasileiros, visto como um Terceiro. É importante destacar que o jornalista reforça seu lugar social com as palavras profissional e cidadão brasileiro.

A pergunta inicial estrutura discursivamente um enquadramento de responsabilidade política, por meio do qual o jornalista reivindica a posição de mediador do interesse público. A polêmica emerge, portanto, da disputa por legitimidade diante do Terceiro — o público espectador — cuja adesão se converte em elemento central da interação.

Imagem 2: Início do Debate

Heródoto Barbiero: Governador e antes do senhor responder quero apenas dizer que essa é uma questão também é do senhor José Henrique Fernandes Veras, que é de Fortaleza, Ceará que está assistindo nesse momento o Roda Viva.

Orestes Quércia: Falou o representante do Estadão!

Rui Xavier: Eu sabia que o senhor ia falar isso.

Orestes Quércia: É...sabia, né?... O Estadão é um jornal que pratica contra mim uma ação odiosa, né? De infâmias, calúnias todos os dias, né. Porque o seu patrão, né, que é o senhor Júlio de Mesquita, eu denunciei o senhor de Mesquita de ter dado um golpe na bolsa de valores de São Paulo, então ficou um ódio do seu patrão...

Rui Xavier: Mas Ele foi absolvido disso

Fonte: Imagem produzida pelos autores, a partir da entrevista original em

<https://www.youtube.com/watch?v=20YpdGeorw4&t=1644s>

Imagem 3: Início do Debate 2

Orestes Quércia: É um ódio, ele foi, ele foi denunciado pelo Ministério Público por ter praticado um crime do colarinho branco e ficou com ódio porque houve essa divulgação com relação a esse ato criminoso que ele praticou e desde então ele usa o jornal com o objetivo de me atingir. Recentemente, quer dizer pra ficar um exemplo único, eu não gostaria de me estender muito, né, porque me parece que o senhor veio aqui com esse objetivo.

Rui Xavier: Não, não é verdade

Orestes Quércia: Eu gostaria de colocar o seguinte, recentemente houve lá uma matéria de primeira página, Quércia envolvido no escândalo da previdência. Aí eu fui ler a matéria dentro, não tinha nada do que estava na primeira página. Aí dois dias depois, demitiram a moça que escreveu a matéria, que foi uma vergonha que o jornal fez, demitiram a moça, né? E colocaram uma explicação, uma explicação justificativa, um pedido de desculpas pequenininho assim... Então um jornal que pratica o jornalismo que o seu jornal pratica não merece consideração. É um jornal odioso, quer dizer né caluniador, quer dizer, que evidentemente pratica um jornalismo que não devia efetivamente ser respeitado. E é isso que eu acho do senhor.

Fonte: Imagem produzida pelos autores, a partir da entrevista original em

<https://www.youtube.com/watch?v=20YpdGeorw4&t=1644s>

Logo em seguida, como pode ser observado nas Imagens 2 e 3, o candidato Orestes Quércia, ao iniciar a resposta, busca desqualificar o seu adversário, como um “representante do Estadão”, tentando assim, tornar o questionamento e também o jornalista e o jornal que representa, como indignos de respeito e resposta. E tratar do motivo pelo qual o jornal Estadão não mereça consideração, Orestes Quércia argumenta de forma passional, implicando o Sr. Júlio de Mesquita, dono do jornal, como detentor de ódio por ele. Ao invés de responder à pergunta do jornalista, utiliza a estratégia retórica de descredibilizar o outro, com uma atribuição de má fé e de más intenções,

caracterizando o dono do jornal como um homem criminoso, que mereceu ser denunciado ao Ministério Público pelo próprio candidato.

A resposta do candidato desloca o eixo argumentativo da interação. O questionamento sobre patrimônio cede espaço a uma disputa sobre credibilidade e autoridade discursiva, na qual Quércia procura enfraquecer o interlocutor e o veículo representado. A desqualificação do outro aparece, nesse contexto, como estratégia de erosão da autoridade do acusador e de reorientação da atenção do público.

Para enfrentar o discurso adverso, o candidato tenta enfraquecer de todas as formas os argumentos do seu “adversário” através do uso de ironia nas frases “É...sabia, né?” e “... eu não gostaria de me estender muito né, porque me parece que o senhor veio aqui com esse objetivo”, e busca também modificar o propósito, ao reforçar que o jornal não pratica um jornalismo com seriedade e “que não devia efetivamente ser respeitado”.

Imagem 4: Enfrentamento

Rui Xavier: Deixa só eu falar aqui para governador o seguinte...Olha aqui governador eu tenho 27 anos de profissão, passei por vários jornais, posso trabalhar..
Orestes Quércia: Mas o senhor não tem o direito de chegar aqui e falar que eu não explique
Rui Xavier: Não, não explicou
Orestes Quércia: O senhor está aqui fazendo o jogo do seu patrão
Rui Xavier: Não, não é verdade
Orestes Quércia: Isso eu não vou admitir, tá bom?
Rui Xavier: Repara uma coisa... Olha só, repara bem uma coisa, o senhor falou, agora deixa eu falar, tá certo? O senhor está alegando, o senhor está remetendo uma briga que o senhor tem, uma disputa que o senhor tem, pessoal que o senhor tem com o doutor Júlio Mesquita, para lembrar ao senhor, o doutor Júlio Mesquita foi absolvido naquele processo... E o senhor trata disso como se isso não fosse verdade, não é? Essa é uma questão que eu não quero tratar, o senhor trata com ele. A minha questão é a seguinte. Quando eu lhe falei da minha perplexidade como cidadão, tá certo? É porque isso é verdade.

Fonte: Imagem produzida pelos autores, a partir da entrevista original em

<https://www.youtube.com/watch?v=20YpdGeorw4&t=1644s>

Na segunda parte da entrevista selecionada, que corresponde a Imagem 4, podemos observar o início de uma relação marcada pela violência verbal, como cita Amossy (2017), que é expressa oralmente, a partir da sobreposição de vozes, por ambos os lados do discurso. Outro traço da violência verbal está na frase “o senhor está aqui fazendo o jogo do seu patrão”, em que o candidato Orestes Quércia acusa o jornalista de ter um interesse pessoal em seu questionamento.

Imagem 5: Violência Verbal

Orestes Quércia: É mentira!
Rui Xavier: Eu trouxe aqui vários repórteres da Veja, da Folha de S. Paulo...
Orestes Quércia: É mentira. Mentira! É mentira da Veja. Mentira do seu jornal.
Rui Xavier:...do Globo, do Estadão
Orestes Quércia: É mentira. Tudo mentira.
Rui Xavier: Todos eles...
Orestes Quércia: Mentira de vocês.
Rui Xavier: ...se remetem a mesma questão.
Orestes Quércia: É mentira. Mentira de vocês.
Rui Xavier: Você enriqueceu e não explica.
Orestes Quércia: Vocês são uns mentirosos.
Rui Xavier: Então, todo mundo é mentiroso.
Orestes Quércia: Você é um mentiroso também.
Rui Xavier: O senhor também é mentiroso.
Orestes Quércia: Mentiroso!
Rui Xavier: Quem mente é o senhor.
Orestes Quércia: Mentiroso. Mentiroso! Caluniador!
Rui Xavier: O senhor que está acuado.
Orestes Quércia: Caluniador e mentiroso.
Rui Xavier: Quem está habituado a mentir é o senhor.
Orestes Quércia: Caluniador e mentiroso! [começa aumentar o tom da voz]
Rui Xavier: Quem está habituado a mentir é o senhor.
Orestes Quércia: Caluniador e mentiroso!
Rui Xavier: Quem está habituado a mentir é o senhor.
Orestes Quércia: Mentiroso e caluniador!
Rui Xavier: Por que você não explica.
Orestes Quércia: Mentiroso! [fala alto gesticulando]
Rui Xavier: Quem está habituado a mentir...

Fonte: Imagem produzida pelos autores a partir da entrevista original em
<https://www.youtube.com/watch?v=20YpdGeorw4&t=1644s>

Imagem 6: Violência Verbal

Orestes Quércia: Caluniador e mentiroso!
Rui Xavier: Por que é que o senhor não explica?
Orestes Quércia: Mentiroso!
Rui Xavier: Você que está acuado.
Orestes Quércia: Caluniador e mentiroso!
Rui Xavier: Quem está habituado a mentir...
Orestes Quércia: Mentiroso e caluniador!
Rui Xavier: Por que você não explica?
Orestes Quércia: Mentiroso e caluniador!
Rui Xavier: Você é candidato à presidência.
Orestes Quércia: O seu jornal é mentiroso e caluniador. Vocês são.
Rui Xavier: Você quer ganhar no grito. No grito não vai ganhar.
Orestes Quércia: Você que quer ganhar no grito.
Rui Xavier: Não, não, não.
Orestes Quércia: Não vou admitir essas conversas, não. Não é isso não.
Rui Xavier: Você tem que explicar para o povo brasileiro como você enriqueceu.
Orestes Quércia: Você que tem que parar de falar mentira no seu jornal.
Rui Xavier: Você tem que explicar para o povo brasileiro como você enriqueceu.
Orestes Quércia: Mentira! Calúnia do seu jornal, do safado do seu patrão.
Heródoto Barbiero: Um instantinho só. Vamos à pergunta do jornalista [...] do jornal Hoje.
Rui Xavier: Mas ele não vai responder a minha pergunta?
Heródoto Barbiero: Eu acho que nós deveríamos
Orestes Quércia: Eu não tenho nenhuma questão em responder a sua pergunta, porque sua pergunta é um absurdo. Vocês são caluniadores. E você está aqui para fazer o jogo do seu patrão.
Rui Xavier: Não, tudo bem, tudo bem. Agora, caluniador é o senhor.
Orestes Quércia: Caluniador, vocês são, você é.
Rui Xavier: Toda a imprensa?
Orestes Quércia: Caluniador!
Rui Xavier: É toda a imprensa?
Orestes Quércia: Caluniador!
Rui Xavier: Claro.
Orestes Quércia: Safado!
Rui Xavier: Safado é o senhor. Safado é o senhor.
Orestes Quércia: Você que é safado, seu canalha!
Rui Xavier: O senhor é que é safado. Eu não enriqueci...
Orestes Quércia: Canalha! Canalha!
Rui Xavier: Eu não enriqueci como o senhor.
Orestes Quércia: Você é um canalha!
Rui Xavier: Você que é um canalha e enriqueceu sem explicar.
Orestes Quércia: Malandro!
Rui Xavier: Malandro é você.
Orestes Quércia: Safado! Canalha!
Rui Xavier: Canalha é você.

Fonte: Imagem produzida pelos autores, a partir da entrevista original em

<https://www.youtube.com/watch?v=20YpdGeorw4&t=1644s>

Na terceira parte da entrevista selecionada, representado pelas imagens 5 e 6, a violência verbal é marcada pela troca de insultos, com palavras mentiroso, caluniador, safado, canalha, em que ambos sujeitos do discurso buscam desqualificar um ao outro, e por responderem com a mesma palavra, ambos se voltam contra o outro a mesma acusação recebida, o “*tu quoque*”, “você também” como define Walton (1985).

Imagem 7: Violência Física

Heródoto Barbero: Doutor Quércia!
Rui Xavier: Ele que é canalha, safado e enriqueceu sem explicar.
Orestes Quércia: Você que faz o serviço de seu patrão.
Heródoto Barbero: Quércia, por favor.
Orestes Quércia: Seu caluniador. [se levanta e aponta o dedo para o jornalista]
Rui Xavier: Não, não. [se levanta]
Orestes Quércia: Safado!
Rui Xavier: Safado, não, senhor. Você tem que explicar ao povo brasileiro.
Heródoto Barbero: Xavier, um instantinho, por favor. Doutor Quércia, por favor.
Orestes Quércia: Cala boca! [continua em pé, agora bem perto do jornalista]
Rui Xavier: Tem que explicar [levantado e com o dedo apontado para Orestes Quércia]
Orestes Quércia: Cala boca! [Grita em pé, apontando o dedo para o jornalista]
Rui Xavier: Cala boca você.
Orestes Quércia: Malandro! [Continua em pé]
Rui Xavier: Malandro é você.
Orestes Quércia: Safado! [voltou a sentar-se]
Rui Xavier: Safado é o senhor, que é candidato à presidência da república.
Heródoto Barbero: Doutor Quércia, por favor. [atrás do dois, sentado e gritando]
Rui Xavier: Você quem tem que me respeitar.
Heródoto Barbero: Vamos fazer um intervalo.
Rui Xavier: A pergunta foi direta, você que foi deselegante e você veio para cá...
Orestes Quércia: Você não foi elegante. Canalha! [volta a se levantar e ir em direção ao jornalista]
Heródoto Barbero: Vamos fazer um intervalo e voltamos daqui a um instantinho.
Rui Xavier: Você enriqueceu, não adianta fazer cena.
Orestes Quércia: Canalha
Heródoto Barbero: Por favor Xavier, depois você responde. Doutor Quércia....
Heródoto Barbero: Vamos fazer um intervalo e voltamos daqui a um instantinho.

Fonte: Imagem produzida pelos autores, a partir da entrevista original em

<https://www.youtube.com/watch?v=20YpdGeorw4&t=1644s>

Na quarta parte da entrevista, como selecionado na imagem 7, podemos destacar dois momentos distintos, que demonstram uma interação polêmica. No primeiro, pode-se perceber pelo comportamento dos dois sujeitos, em um levantar das cadeiras, gritos e gestos firmes como apontar dedos, em uma escalada de confronto verbal acompanhada de gestos corporais e forte tensão interacional, uma ação concreta que se iniciou com interrupções verbais e forte agressividade. No segundo momento, o jornalista tenta retomar o debate, lembrando ao candidato do propósito da pergunta como um interesse público, expresso na frase “a pergunta foi direta, você que foi deselegante...”.

Outro aspecto que merece aprofundamento nesta análise refere-se à dimensão espetacularizada do debate. Por se tratar de uma transmissão televisiva ao vivo, em canal aberto e em um programa de ampla visibilidade nacional, o confronto discursivo entre jornalista e candidato ultrapassa a condição de simples entrevista política e assume

contornos performáticos e teatrais. Nessa dinâmica, cada sujeito do discurso orienta sua atuação para a persuasão do espectador — o Terceiro, nos termos de Amossy (2017) —, disputando sua adesão simbólica e a legitimidade pública. Assim, a confrontação verbal observada no *corpus* aproxima-se da lógica do espetáculo político, em que a desqualificação do Oponente e a produção de visibilidade tornam-se elementos centrais da interação (Weber, 2020).

Considerações Finais

A análise realizada permitiu compreender que a polêmica, conforme discutida por Amossy (2017), constitui uma forma específica de gestão verbal do conflito em torno de temas de interesse público. No *corpus* analisado, o antagonismo discursivo não se apresenta como simples divergência de opiniões, mas como uma confrontação estruturada por posições opostas e inconciliáveis, marcada pela dicotomização, pela polarização e pela desqualificação do outro.

No debate analisado, jornalista e candidato ocupam posições discursivas antagonizadas e constroem a interação a partir da disputa por legitimidade diante do Terceiro, entendido como o público espectador. Nesse contexto, a polêmica não se orienta prioritariamente para a construção de consenso ou para o convencimento do adversário imediato, mas para a conquista da adesão do auditório e para a consolidação de posições identitárias e simbólicas.

Os resultados evidenciam que a desqualificação do Oponente assume função estratégica nessa dinâmica. Em vez de responder diretamente aos questionamentos formulados, os sujeitos do discurso frequentemente deslocam o eixo argumentativo para a credibilidade do interlocutor, atribuindo-lhe má-fé, interesses pessoais e intenções ilegítimas. Tal movimento demonstra que a disputa polêmica se desenvolve simultaneamente no plano das teses e no plano da autoridade discursiva.

A violência verbal, embora não constitua elemento estruturante da polêmica, atua no *corpus* analisado como mecanismo de intensificação do conflito. Interrupções,

acusações pessoais, insultos e estratégias de descrcredibilização ampliam a polarização e aprofundam o descrédito entre os participantes, contribuindo para transformar o debate em uma arena de confronto simbólico. Nesse sentido, a hostilidade discursiva observada não se reduz a manifestações espontâneas de agressividade, mas opera como recurso argumentativo articulado à disputa por legitimidade e à mobilização do auditório.

Por se tratar de um debate televisionado e transmitido em um espaço de ampla visibilidade pública, a confrontação adquire ainda dimensões performáticas e espetaculares. A mediação jornalística, a exposição pública e a presença de uma audiência ampliada intensificam o confronto discursivo e reforçam a centralidade da visibilidade e da adesão simbólica na interação. Assim, o caso analisado sugere que a violência verbal, longe de representar apenas ruptura do debate racional, pode funcionar como estratégia discursiva integrada às dinâmicas da comunicação política e do espetáculo midiático.

Ainda que o *corpus* pertença ao contexto eleitoral de 1994, os mecanismos observados permanecem atuais diante da persistência de discursos polarizados e da crescente centralidade das disputas por credibilidade e legitimidade nos espaços midiáticos contemporâneos.

Referências

AMOSSY, Ruth. **Apologia da Polêmica**. São Paulo: Contexto, 2017.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

CHEVALIER, Yannick; CONSTANTIN, Hugues de Chaney. Savoir être insulteur, ou les marques verbaux et non verbaux de l'insulte: quelques exemples de "péde". In: LAGORGETTE, Dominique (ed.) Les insultes en français: de la recherche fondamentale à ses applications. Chambéry: Université de Savoie, 2009, p-45-74.

EMEDIATO, Wander (org.). **Análises do discurso político: dimensões discursivas e argumentativas da política**. Campinas, SP: Pontes, 2016.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

RODA VIVA <<https://www.youtube.com/user/rodaviva>> Acesso em: 19 fev. 2026.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SODRÉ, Muniz. **A sociedade incivil**: mídia, iliberalismo e finanças. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021

TV CULTURA. <<https://www.cultura.uol.com.br>>. Acesso em: 19 fev. 2026.

VAN DIJK, Teun A. **Discourse and Knowledge**: A Sociocognitive Approach. Cambridge: Cambridge University Press, 2023.

WALTON, Douglas Neil. *Arguer's Position. A Pragmatic Study of Ad Hominem Attack, Cisticism, Refutation, and Fallacy.* Westport/London: Greenwood Press, 1985.

WEBER, Maria Helena. **Balizas do campo comunicação e política. Triade**: Comunicação, Cultura e Mídia, Sorocaba, v. 8, n. 18, p. 6–48, 2020. DOI: 10.22484/2318-5694.2020v8n18p6-48. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/4046>. Acesso em: 20 mai. 2026.

Notas

¹ A TV Cultura de São Paulo é uma rede de televisão pública brasileira, sediada em São Paulo-SP, fundada na década de 1960.

² A entrevista completa pode ser assistida gratuitamente no canal digital do programa *Roda Viva* no *youtube* em <https://www.youtube.com/watch?v=20YpdGeorw4&t=1644s>

³ Rui Xavier foi jornalista durante 33 anos, até 1997, quando deixou o cargo de Editor de Política do Grupo Estadão, em São Paulo. Foi Secretário de Redação nas revistas *Veja* e *Exame* nos anos 1970, no Rio de Janeiro e depois foi editor de Política e Economia no *Jornal do Brasil*, nos anos 1980. <https://www.linkedin.com/in/rui-xavier-aa419a69/?originalSubdomain=br>

Submetido em: 20 de fevereiro de 2026.

Aprovado em: 3 de junho de 2026.